

# **Olhares sobre a vida e a morte**



*XVII Jornadas Culturais de Balsamão*

**OLHARES SOBRE A VIDA E A MORTE**

*Centro Cultural de Balsamão 2015*

## FICHA TÉCNICA

*Título:*

OLHARES SOBRE A VIDA E A MORTE

*Editor:*

Centro Cultural de Balsamão  
Convento de Balsamão, 5340-091 CHACIM (Macedo de Cavaleiros)

*Coordenação:*

Pe. Basileu Pires, MIC

*Secretariado:*

Pe. Basileu Pires, MIC

*Capa:*

Pedro Coelho

*Composição, impressão e acabamento:*

Bringráfica – Indústrias Gráficas, Lda – Bragança

*Local e data de edição:*

Balsamão, Setembro de 2015

*Depósito Legal N.º 398697/15*

*ISBN: 972-96862-3-8*

*N.º de exemplares: 100*

## DO SANTO DESEJO DE UMA “BOA MORTE”

José Maria Silva Rosa<sup>1</sup>

A consciência da nossa morte, isto é, de que vamos morrer um dia, é essencial na construção daquilo que entendemos por *humanidade*. Quero dizer: não para a determinação do que foram os milhões de homens e de mulheres que existiram no passado, que existem neste momento e que não-de existir no futuro, mas sim para a própria qualidade de *ser humano* como tal, para aquilo que nos distingue qualitativamente de outros seres à nossa volta, e também, franciscanamente falando, dos nossos *irmãos* impropriamente chamados *irracionais*. Tudo o que nasce, vive e morre. A consciência da morte, porém, e não o modo de viver, parece ser o que mais irmana os homens entre si. Há mesmo quem diga precisamente que, a par de outras características (a posição erecta, a oposição do polegar, o riso, a linguagem articulada e simbólica, a ciência, a filosofia, a religião, etc.), o que mais radicalmente nos distingue das bestas seria essa *consciência* antecipada da morte, o sabermos que *amanhã* estaremos todos mortos, e o modo como isto pode alterar (em sentidos diferentes) o modo como cada um vive a sua vida.

Tal consciência e o medo que ela pode gerar é também uma das piores agonias dos vivos, como já outrora diziam certos filósofos, como Epicuro, tentando racionalizar o temor, afirmando não haver motivo para recear a morte. Dizia ele: «*É tolo quem afirma temer a morte, não porque sua vinda seja temível, mas porque é temível esperá-la. Tolice é afligir-se com a espera da morte, pois trata-se de algo que, uma vez vindo, não causa mal. Assim, o mais espantoso de todos os males, a morte, não é nada para nós, pois enquanto vivemos, ela não existe, e quando ela*

---

<sup>1</sup> Universidade da Beira Interior.

*chega, já não existimos nós mais. Não há morte, então, nem para os vivos nem para os mortos, porquanto para uns não existe, e os outros já não existem mais. Mas o vulgo, ou a teme como o pior dos males, ou a deseja como termo para os males da vida. Já o sábio não teme a morte, pois a vida não lhe é nenhum fardo, nem ele crê que seja um mal não mais existir.»*

É evidente que esta lição racional, clara e distinta do epicurismo é apreciada por muitos outros filósofos, como por exemplo Montaigne: «*Perturbamos a vida pelo cuidado da morte, e a morte pelo cuidado da vida.*» (Ensaio, III, 129) Tal lição porém não consola o homem comum, que sofre no escuro ou busca noutras sapiências, nem pode resolver olímpicamente o terror mais arcaico dos seres vivos. Não porque ela não esteja logicamente correta; mas porque precisamente trata do 'antes' e do 'depois' da morte, mas deixa de lado o mais importante: a angústia da passagem, o íterim do nó, desse limiar consciente próprio da condição do moribundo que nunca ainda nenhum de nós experienciou. Por outro lado, saber que se vai morrer, que somos um *ser para a morte*, e experienciar ao mesmo tempo que algo no mais profundo de nós próprios, nas entranhas, recusa isso, cria uma situação paradoxal: de certo modo começamos a morrer por antecipação.

\* \* \*

Para começar, proponho que não tenhamos medo das palavras. *Boa morte* diz-se em grego *eutanásia* = boa morte, morte doce, morte bela, pacífica, fácil, sem dor, sem sofrimento, nem o pavor do trespassar, etc., que designa precisamente a *distanásia* = a *distanásia*, a má morte.

Este desejo de *eutanásia*, que os gregos trouxeram à consciência e à linguagem, é um dos desejos mais arreigados na humanidade e em cada um de nós: ter uma boa morte. Desejo talvez só suplantado pelo vão desejo de nunca morrer, outrora expresso pelo herói Gilgamesh na sua *Epopeia*, ao ver o seu irmão

Enkidu morrer e ser comido pelos vermes. Os Egípcios escreveram até o *Livro dos Mortos*, livro de cânticos e ritos com a finalidade de ajudar o viático, a passagem. E entre os latinos o *cuidado com a morte* (que já vinha da filosofia platônica, v.g., no *Fédon*) desenvolveu-se como uma das *belas artes* que encontramos em vários Poetas, por exemplo, em Petrónio (c. 27-66 d.C.), aí designada *ars moriendi* ou *ars bene moriendi* (ver o *Satiricon*; note-se que o nobre Petrónio suicidou-se por ordem de Nero). Tal *ars moriendi* teve não só longa fortuna na Antiguidade e Idade Média, como um dos seus momentos mais altos foi no período Barroco, onde, em contexto cristão, a morte e todos os rituais que a acompanhavam (a confissão, o testamento, a extrema unção, a exposição e a apresentação do moribundo à comunidade, o enterro, ...) eram ainda afinal uma celebração da vida, uma forma de acertar contas entre os que partem e os que ficam, e permitir ao agonizante partir em paz.

E a questão é mesmo esta: como lidar com o terror ancestral perante o desconhecido, não apenas com o que pode ou não estar para lá da morte, mas como o momento do transe, com a agonia que antecede e está na própria passagem dessa porta angusta. É sobretudo isso (a agonia, a passagem) que atemoriza e, por isso, é esse momento que aparece naturalmente invocado nas muitas orações, ladainhas e jaculatórias dos fiéis, etc., pedindo a Deus, a Nossa Senhora, aos Anjos e Santos a graça de uma boa morte — o que é, não apenas uma morte em graça, mas também um morte sem dor nem sofrimento. Veja-se, por exemplo, a *Ladainha ao Espírito Santo*: «Que vos digneis de confortar-nos e fortalecer-nos na hora da morte com este celestial viático. - R.: Ouvi-nos, Senhor!»; ou na *Avé-Maria*: «Santa Maria Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte. R.: Amen!», etc.

Aliás, como se sabe, uma morte serena, pacífica, *boa*, tornou-se até num sinal exterior, muitas vezes sobrevalorizado, de uma suposta santidade, ou indicativo de uma vida santa. De alguém que morra em transes de desespero, incapaz de lidar com esse

momento, pensa-se que traduz falta de fé ou de confiança na misericórdia de Deus; que revela incapacidade de imitar o Jesus da Cruz, do «tudo está consumado», etc., atitudes e virtudes que moralmente deveriam informar o moribundo cristão (como se Jesus, no Horto, não tivesse *suado sangue* perante a iminência da Paixão).

Claro que todos estes juízos moralizantes sobre a hora da morte são no mínimo infelizes: melhor fora ficar calado. Só um insensato se pode atrever a julgar moralmente esse momento, quiçá o mais solitário da existência de um ser humano, onde o *desejo de permanecer no ser (conatus essendi)* se defronta com a sua mais radical prova: a morte poder significar um mergulho no *nada de mim*. Mais ainda, se a esse processo de morte acrescem os pavores do Fogo do Inferno, das Penas do Purgatório, do Juízo Final (e sabemos que houve santos homens, aqui, em Balsamão, que ficaram aterrados com isso), e outrossim os horrores do sofrimento físico, lúcido, como acontece em certos tipos de neoplasia abdominal e outras doenças sumamente dolorosas. Claro que muitas vezes não se resiste a ficar calado, mormente quem tem funções de cura pastoral, visando com isso mais moralizar os vivos que julgar os moribundos.

Seja como for, toda a piedade cristã faz justiça a esse pio desejo de *eutanasia*, de uma boa morte, de um trespasse doce e pacífico, sem dor física nem moral, rodeados dos familiares próximos, desejo que perpassa por dentro toda a religiosidade cristã — e estou certo de que se encontra em todas as religiões porque a condição humana não é assim tão diferente como alguns fazem crer.

Façamos assim um breve exercício, seguindo pela via contrária. Quando se deseja uma boa morte, o que se está a rejeitar concretamente como *má morte*? O que é uma *má morte*? Não serão todas as mortes más?

É claro que a morte aparece quase sempre (mas nem sempre necessariamente) uma coisa má por si mesma. Como dizia o Poeta Cesário Verde: *Ah! Se eu não morresse, nunca! E eternamente*

*buscasse e conseguisse a perfeição das coisas!* Mas talvez fosse acertado dizer também: *Ah! Se eu não envelhecesse nunca!*; que fosse eternamente jovem, com saúde, com desejo de viver (porque a certa altura da existência, vemos isso nos muito idosos, começa a haver como que um natural desligamento da vida: dormir muito, ficar sem memória, etc.), e a morte pode aí deixar de ser vista como a ameaça, mas antes Irmã, como também dizia Francisco a outro propósito: *Irmã morte!* Porém, uma coisa é pensar ou desejar a morte (*morro porque não morro!*, dizia Santa Teresa); outra é estar a viver realmente esse processo. Por isso, tratar a morte como *Irmã* (pelo menos para mim!) é ainda uma iniciação de que apenas falo mais para não estar calado, porque ainda não sei do que falo.

Avancemos, pois: quando se fala em *má morte* de que é que falamos concretamente? Deixemos por ora a escapatória fácil do *dependismo*: ‘depende’ de cada um, ‘depende’ de cada cultura, etc.. Sabemos, de facto, que existem tais variações, mas procuremos ir àqueles aspectos transversais, porque eles existem.

Um deles é o da morte prematura. A morte de uma criança ou de um jovem, na flor da idade, com um cancro, jamais pode ser considerado uma *boa morte*, mesmo que ela própria e a família, dêem sentido religioso e transcendente à sua morte, como a aconteceu há dias (Setembro de 2014) com a Nonô, de apenas 5 aninhos tão fortes, ou com o Manuel Forjaz, de tão decididos 52 anos. Quem trabalha no IPO, em *Cuidados Paliativos*, com crianças vítimas de cancro sabe bem que é assim. Nestes casos, como naqueles dos estúpidos acidente da estrada ou de trabalho, que ceifam vidas pujantes, laboriosas, em flor, têm qualquer coisa de horrendo e de inaceitável.

Eu já tive amigos jovens e mesmo familiares próximos, como sabem, que morreram assim, inesperadamente, estupidamente. E tenho que vos confessar que não foi fácil lidar com esse grito selvagem, rouco, esse urro arcaico de rebelião animal que se ergue dentro de nós, no mais fundo das entranhas, tão antigo como a humanidade. Algo no mais íntimo diz: *Não e Não! Não aceito!* (Vale

muito a pena ler, a este propósito, embora já pacificado, o livro de José Luís Peixoto, *Morreste-me*, a propósito da morte do seu pai).

Uma outra nota negativa que se acrescenta numa má morte, é o falecimento inesperado, sem preparação, aquele que vem antes do que se consideraria normal, em função do processo normal de degenerescência biológica, que permitiu aos mais próximos prepararem-se. O inesperado pode acontecer em qualquer idade. Pode ser um jovem ou uma pessoa idosa. Mas aina que seja uma pessoa de oitenta anos (idade a que a Bíblia diz que chegam os robustos), cheia de saúde, que morre subitamente de um dia para outro, sem preparação, sabemos bem o choque que isso provoca. Má morte, pois, não é só a prematura, mas a repentina, a imprevista, que não permite nem ao próprio nem aos próximos a *preparatio mortis* (nem a recepção dos *últimos sacramentos*, a mais temida pela piedade popular).

A este propósito, uma das coisas que, em todas as culturas, naturalmente mais choca o nosso sentido normal da vida é que os filhos morram antes dos pais. É uma convicção arcaica, espontânea, uma espécie de saber imemorial da vida em nós, que a relação entre gerações siga o fio tecido pelas Parcas, segundo o qual os mais velhos vão primeiro que os mais novos, e assim sucessivamente.

Tal choque pode mesma chegar às raias da incompreensão e da loucura se são os próprios pais a assassinar os filhos, já de forma propositada e requintada (em 2011, em França, um homem pôs o filho bebé na máquina de lavar; e há casos horrivelmente recentes entre nós...). Mas estes, que são patológicos (que é onde nos refugiamos) ou de diabólica malevolência, apesar de chocantes não nos interessam nem ocupam aqui. Já não assim as mortes de crianças por incúria grosseira dos pais, mortes que nos chocam e revoltam como poucas.

A propósito, posso confessar que também a mim, quando fui pai pela primeira vez, em 1997, foi esse um dos horrores que mais me atormentou: pensava para comigo se, por alguma razão (ignorância, descuido, etc.,) houvesse uma situação em que eu deixasse morrer o meu filho. E houve duas ou três situações

horríveis a esse propósito. Tinha o terror das varandas: se ele caísse da varanda! E algumas vezes o «vi», em pesadelos, já estatelado, morto na escadaria de mármore do nosso prédio, caído do 5º andar...

Mas aquilo que se disse para os cuidadores do IPO, que acompanham crianças com cancro, vale para todas as pessoas que trabalham em Urgências Hospitalares onde todos os dias se vêem mortes precoces, vidas ceifadas sem qualquer sentido. Nestas situações, é o absurdo da perda que aferroa a consciência. Cada uma agarra-se então ao que pode: ao choro, à revolta, à resignação, ao absurdo, a Deus, etc.. Mas o que, a meu ver, não se pode sem mais, mesmo para consolar os outros, é *invocar-se o Santo Nome de Deus em vão*. Pode até ser extremamente insultuoso para Deus, e até intolerável para o Pai a quem morreu um filho, o tradicional e bem-intencionado consolo: *foi a vontade de Deus!* Como se nós soubéssemos concretamente a vontade de Deus! Nestes casos, creio que é preferível ser simplesmente presença silenciosa, testemunho e consolo activo, partilha, e não querer logo dar explicações, narrativas, dar sentido, etc., mas deixar cada um ir descobrindo por si o que a vida lhe traz e o que ela lhe leva. Alguém querer dar sentido, de fora, à dor e ao sofrimento dos outros, mesmo com a melhor dos propósitos, parece-me ser o mais escandaloso e obsceno que há.

Evidentemente, outras situações há em que, parece, tais mortes ainda podem colher algum sentido para nós. Por exemplo, quando alguém se sacrifica por outrem, para o salvar de um afogamento, de um incêndio, de uma execução arbitrária, como o Pe. M. Kolbe, ou mesmo naqueles jovens que vão para a guerra defender e morrer pela sua pátria. Há algo nestas mortes que as torna relativamente mais suportáveis como sacrifício, porque há um horizonte maior que dá parece ter-lhes dado algum sentido. Aliás, é também na linha deste argumento que alguns defensores da pena capital raciocinam, embora em sentido contrário. Mas quando vemos um filme como *A Última Caminhada (Dead Man Walking)* de Tim Robbins, não podemos aceitar tal argumento.

Independentemente da inocência ou culpa do condenado, uma pena de morte é sempre horrível. Foi como se sabe esse argumento que levou Jesus de Nazaré a morrer na Cruz: *é preferível que morra um só, que se sacrifique um, em vez de perecer o povo todo*, dizia o Sumo-Sacerdote Caifás: eis a lógica do *bode expiatório*. A morte na cruz, na cadeira eléctrica, por injeção letal ou nas câmaras de gás, nunca pode ser uma *boa morte*, mesmo que os oficiais SS a quisessem dulcificar dizendo aos prisioneiros que iam apenas tomar duche...

Não é possível, evidentemente, nem desejável rastrear aqui todas as formas de morte considerada má e horrível. Morrer nu e pregado numa cruz, ignominiosamente, como um ladrão; morrer de fome, morrer na guerra ou decapitado frente a todo o mundo, incinerado numa jaula, como está a acontecer por estes dias no Daesh ou Estado Islâmico, etc., são formas horríveis e obscenas de má morte.

Há, assim, algo de infantil, embora compreensível, naquele tipo de jogo: «Ah! Eu preferia morrer afogado, que no meio do fogo»; «eu preferia levar um tiro, em vez de uma facada», etc., se bem que haja estudos recentes em que uma larga maioria dos europeus afirma que preferia morrer a dormir. Suspeitamos porquê: é ainda o medo do sofrimento da hora da morte, o medo de olhar a morte olhos nos olhos, de conscientemente a ver chegar. Somos hoje vítimas de um processo social de ocultamento da morte que aconteceu nas nossas sociedades de há cem anos para cá e que nos deixou fragilizadas, impreparados para lidar com o que de mais certo temos. Estranhamente, a morte consciente tornou-se para nós um *má-morte*; (ao contrário dos nossos avós que pediam *juízo e entendimento* até à hora da morte).

Não sendo, pois, possível nem desejável tal levantamento das mortes más (e a imaginação dos torturadores, homicidas, assassinos, etc., não tem limites e andaria sempre à nossa frente), gostaria assim mesmo de concluir o breve rastreio em torno do que se pode entender como má morte. Não deixa de ser interessante cruzar o referido dado estatístico, segundo o qual uma larga maioria

de nós, europeus, prefere morrer a dormir, com um outro medo profundo, arcaico omnipresente nas culturas agrárias que inumam os seus mortos: que é o de ser enterrado vivo. Já diziam os gregos que o *Sono e a Morte são irmãs*. O terror, o pavor de acordar dentro do caixão e de ir morrer onde supostamente se deveria estar morto, tem alimentado, de facto, alguns dos piores terrores nocturnos da nossa cultura.

Outro traço a destacar, como se disse acima, é o medo da morte prolongada, agonizante durante semanas ou meses, ou mesmo em coma durante anos, onde nem se está vivo nem morto, mas *morto-vivo*. Sobretudo nos casos onde uma medicina altamente tecnicizada isolou o doente terminal, afastando-o dos seus, da sua família e da comunidade viva. Na clínica perfeita o moribundo está isolado como que numa espécie de *Estação de Serviço*.

Uma *boa morte*, portanto, não deve ser nem repentina nem prolongada. Esta, a prolongada, é hoje um das *más mortes* mais temidas em razão da medicalização prolongada, dos tratamentos desproporcionados (em que se cruzam muitas razões, equipas médicas, herdeiros, reformas, companhias de seguros, lares, etc., já que os idosos são uma fonte de rendimento), ou mesmo do chamado encarniçamento terapêutico. Um exemplo bem conhecido: na Alemanha, anos 90 do século passado; uma mulher de 72 anos entra em paragem cardíaca; fica com lesões cerebrais irreversíveis e está 3 anos em coma induzido; deve retirar-se ou não a alimentação parentérica? O médico diz *sim*; o filho diz *sim*; mas outras pessoas no hospital dizem *não*. Ganhou esta última posição e manteve-se a alimentação parentérica; a senhora durou mais nove meses. Mas pelo meio houve processo em tribunal: o médico e o filho são acusados de tentativa de homicídio e são condenados em 1ª instância; metem recurso: o Tribunal Constitucional acaba por os ilibar porque a sentença de 1ª instância havia ignorado a vontade da paciente manifesta oito anos antes (importância do testamento vital ou da manifestação antecipada de vontade). E em 1992 houvera também o caso de uma jovem também alemã, de 18 anos, muito

discutido: tendo ficado clinicamente morta num acidente, porque estava grávida, foi mantida *viva* até o parto acontecer.

Este tipo de processos artificiais de manutenção prolongada de uma vida vegetativa, não só tiram a dignidade ao ser humano, como alteram por completo a imagem clássica da morte como um momento, o de um fio cortado pelas Parcas, para se tornar qualquer coisa que nunca mais acaba de ser.

«Outrora os velhos eram protegidos porque haviam servido a sociedade; na família tradicional continuavam a fazê-lo. Mas partiam do princípio que não eram eternos. Hoje estamos em vias de tornar os velhos eternos, [eventualmente mortos-vivos] com custos elevados para a dignidade, e também com custos sociais e económicos consideráveis.» (Fernando Gil, «*Mors certa, hora incerta*», In: *Acentos...*, IN-CM, Lisboa, 2006, p. 298). Verificam-se cada vez mais estádios intermédios entre a vida e a morte, estados vegetativos persistentes, indefinidos. Sabe-se que uma das preocupações mais universais de todas as culturas é separar bem o mundo dos vivos do mundo dos mortos. Desde sempre que todos os rituais fúnebres — quer a cremação, quer o enterro, o pôr moedas nos olhos, ou na mão, lápides pesadas por cima do corpo, cercas, muros dos cemitérios (lugar '*onde se dorme*'), provisões de mão, etc., — têm como função não só proteger o morto, i.e., defender o cadáver dos vivos (v.g., de animais), mas também e sobretudo proteger os vivos dos mortos. É preciso assegurar essa diferença, e que os mortos estão mesmo mortos, sem o que a ordem social dos vivos ameaça ruir. A morte (mas todo o sofrimento que a acompanha) é assim uma situação em que se reforça em grau máximo a solidariedade de um corpo social, em que pranteia um dos seus membros e que essa comunidade sente só poder recuperar por via *religiosa* (através do culto dos antepassados).

Por isso, não é eticamente questionável manter alguém por muito nessa indefinição dos estados vegetativos prolongados. Impõe-se num certo momento, desligar as máquinas de suporte básico de vida e deixar a natureza seguir o seu curso, cuidando sempre da higiene e da hidratação, (chama-se a isto eutanásia

passiva). E são cada vez mais os que dizem antecipadamente que não querem ser totalmente anestesiados com psicofármacos, antálgicos potentes de tipo II ou III (a morfina, a codeína, a nalbufina, dipirona, etc.), que lhes retiram toda a relação com os próximos. Preferem antes despedir-se conscientes da vida e da morte. Demandam assim uma morte digna.

Culturalmente, como disse, uma boa morte situa-se a meio termo entre a má morte repentina e a ainda mais, a má morte que nunca mais chega, nessa *no man's land* onde todos parece que lavam as mãos. É hoje de temer ficar perdido nessas regiões. O *Testamento Vital* ou, melhor ainda, o *Procurador de Cuidados de Saúde* podem ser vias importantes a ter conta se e quando tal acontecer.

Pois para morrer também é preciso um certo ritmo, um certo tempo, ou o tempo certo, como aconselha o *Eclesiastes*, 3: «Para tudo há uma ocasião, e um tempo (...) debaixo do céu: *tempo de nascer e tempo de morrer*, tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou, tempo de matar e tempo de curar, tempo de derrubar e tempo de construir, tempo de chorar e tempo de rir, tempo de pranteiar e tempo de dançar, tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntá-las, tempo de abraçar e tempo de se conter, tempo de procurar e tempo de desistir, tempo de guardar e tempo de lançar fora, tempo de rasgar e tempo de costurar, tempo de calar e tempo de falar...» (Ecle 3, 1-8).

Em suma: nem morte com dor e com sofrimento; nem morte repentina nem morte prolongada; não à morte em solidão, anónima, numa cama numerada; e atender sempre às angústias com o *lado de lá*, às coisas que ficam por resolver, à dimensão espiritual da morte.

Por contraposição, podemos assim aferir toda uma galáxia de sentidos que determinam o que seja, pois, uma boa morte, *eutanásia*, uma morte doce. *Mas o consenso aqui é mínimo!* Se cruzarmos tudo, talvez encontremos duas ou três notas mais significativas. O *santo desejo de uma boa morte*, de uma morte digna, é uma morte em paz (*requiescat in pace*), serena, com a

atenção dos entes queridos ao lado, sentindo-se amado e respeitado neste seu derradeiro transe, i.e., em relação com os vivos, que o escutem, que falem com ele, que lhe toquem. Fala-se a este propósito da *paz do toque*: mesmo que o moribundo já não possa retribuir do mesmo modo, é importante o *toque físico* nesse momento crucial. Norbert Elias, em *A Solidão dos Moribundos*, fala do desemparo ontológico desse momento: a solidão é das coisas que mais fazem sofrer um doente terminal; são as mortes clandestinas, em apartamentos, mas também as que se dão para lá de biombos cerrados, de portas fechadas. Dizem os especialistas em medicina paliativa que *morrer em paz* parece ser hoje cada vez mais raro: oscila-se cada vez mais entre a depressão, o desânimo e a revolta extrema que não aceita o que está a acontecer. Mesmo se não é um esquema linear, as etapas referidas por Elisabeth Kübler-Ross a propósito de um paciente com diagnóstico letal - negação, cólera, negociação, depressão, aceitação - estão cada vez mais transtornadas.

Esta desfasagem entre as nossas representações e as nossas práticas concretas, uma vez confrontados em situação, deve dar muito que pensar aos defensores da eutanásia activa.

\* \* \*

Sou a favor de uma *boa morte*, de uma morte santa, doce, serena (*eutanásia*). O ideal era ser capaz de a chamar *Irmã*, como Francisco, em vez de *Seitoura*, como Bergman, ou *inevitabilidade existencial* como no *Mar Adentro* de A. Amenábar. Como é que tal se consegue? Em concreto, para cada um, nunca se sabe, não se tem uma receita. Mas podemos preparar-nos e ir fazendo alguma coisa. O chamado *living will*, o *testamento vital* ou declaração antecipada de vontade e, mais ainda, a possibilidade de constituir um *procurador de saúde* podem ser bons caminhos.

Neste domínio, o grande desafio do nosso tempo continua a ser o investimento em verdadeiros *cuidados paliativos*. Lamentavelmente, apesar do que se tem feito aqui e ali, a medicina

interventiva e triunfalista, onde só o sucesso conta, bem assim a política apressada de vistas curtas, que apenas insta ao voto, continuam a não dar a devida atenção a esta fase da vida que requer cuidados especiais e dignidade. Urge aprofundar uma *cultura da vida* que saiba integrar a morte. A este respeito, leia-se um texto muito refrescante intitulado *Em louvor da vida e da morte*, de Joaquim Cerqueira Gonçalves, onde a par do que é dito, se pressente uma sábia pedagogia do silêncio. Temos de aprender a louvar a contingência e a abençoar a perda. Talvez assim, consigamos um dia acolher e dizer, como o velho Simeão: *Nunc dimittis... Agora, Senhor, segundo a vossa palavra, deixareis ir em paz o vosso servo, porque meus olhos viram a salvação que preparastes...* (Lc 2, 29-32).

## ÍNDICE

<b>Apresentação</b> .....	5
<b>Programa</b> .....	6
<b>Dar sentido à vida</b> <i>Manuel Matias</i> (responsável pela Casa de Acolhimento de crianças e jovens maltratados pela vida – Seixal) .....	9
<b>A questão da morte na cultura contemporânea</b> <i>Cassiano Reimão</i> (Universidade Nova de Lisboa - Apos.) e <i>Sofia Reimão</i> (Fac. Medicina da Univ.de Lisboa e Hosp. de S.ta Maria - Lisboa) .....	15
<b>A vida e a morte para o cristão</b> <i>Basileu Pires, MIC</i> (Presidente do CCBAL) .....	39
<b>A ética do cuidado – um olhar necessário sobre a vida</b> <i>Maria Pereira Coutinho</i> (Universidade Nova de Lisboa - Apos.) .....	51
<b>Ajudar a viver e a morrer com dignidade</b> <i>António Lourenço Marques Gonçalves</i> (Médico / Professor na UBI).....	65
<b>MEMENTO MORI: Uma visão antropológica do morrer e do sepultar</b> <i>José Maria Marques</i> (Docente do Instituto Universitário da Maia).....	73
<b>A simbólica do túmulo de Elias Garcia no Cemitério Oriental de Lisboa</b> <i>Andrade Lemos e José António Silva</i> (Centro Cultural de Telheiras/ESEQ/CCEQ) .....	103
<b>Unamuno perante a morte. Ou a ânsia de eternidade</b> <i>Emílio Rivas Calvo</i> (Director RENFE, Jubilado) e <i>Carlos d'Abreu</i> (Técnico Superior do MEC) .....	131
<b>De raspão e por longe</b> <i>Carlos Sambade</i> (Mestre em Educação) .....	169

<b>Rituais e culto da morte na região de entre Douro e Côa</b> <i>António Sá Coixão</i> (Arqueólogo e Pres. da Associação Cultural, Desportiva e Recreativa, de Freixo de Numão) .....	173
<b>As pinturas barrocas do tecto da Igreja Matriz de Vila Nova de Foz Côa</b> <i>Professor José Ribeiro</i> (Membro do Cons. de Administração da Fundação Côa/Parque) .....	191
<b>O santo desejo de uma "boa morte"</b> <i>José Rosa</i> (Professor na UBI) .....	201